

O Terror e a Virtude

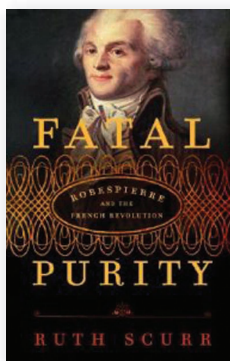
“In the realm of political action, laws are far and few indeed: skills are everything”

ISAIAH BERLIN

Para Thomas Carlyle, a figura do Herói revela ao mundo uma larga fisionomia. Em *On Heroes, Hero Worship and the Heroic in History*, Carlyle identifica uma galeria de rostos, uma coluna de vultos, que marcam a Humanidade no longo percurso da História – Deuses, Reis, Profetas, Sacerdotes, Filósofos, Poetas, Homens de Letras. O Político observa à distância, longe do carácter e do destino reservado aos Heróis. O destino do Herói coincide com a capacidade para revelar “o Divino que existe no Homem e na Natureza”. No entanto, e de acordo com Gertrude Himmelfarb, após um longo e insinuante trajecto, o Político abandonou a Humanidade e acedeu ao lugar exclusivo reservado aos Heróis. O Político, o retrato do Político na figura do Herói, exhibe a confusão dos vícios na confusão ausente das “virtudes morais”. O Político, o retrato do Político na figura do Herói, pretende conhecer as “ideias eternas” e as “divinas verdades”, ideias e verdades que lentamente se deixam absorver pelo brilho do profano. O génio do Político ilumina-se numa colorida disciplina de rostos e de máscaras – o Rei, o Filósofo, o Poeta. No apogeu do seu talento, o Político consegue mesmo reproduzir o fascínio que só aos Deuses parece estar reservado. Viajando em direcção ao Céu, o Político realiza a sua “aspiração divina”. Viajando em direcção ao Céu, o Político sonha com uma nova era de liberdade. Viajando sempre em direcção ao Céu, o Político deseja esse lugar perfeito imune à miséria e à vulgaridade da “natureza humana”. Entre o Céu e a Terra, não existe solução para esta sequência ideal. Entre o Paraíso e o Inferno, resta o silêncio e o vermelho vivo do sangue.

Maximilien de Robespierre é a figura do Herói Político. Um Herói Político observado com rigor, sensibilidade, espanto e maravilha por Ruth Scurr em *Fatal Purity - Robespierre and the French Revolution*. A biografia de Robespierre é a matéria literária de uma vida breve esgotada no tempo curto da Revolução Francesa. Uma biografia de Robespierre na qual se destacam a

tendência sentimental, a personalidade egocêntrica, a imprevisibilidade, a lógica metálica de uma visão racional indestrutível e as profundas e constantes contradições. Robespierre, o “Defensor do Povo”, suspeitava de todos os que se apresentavam como representantes do “Povo”. Robespierre, o Legislador, não confiava nas “Instituições Revolucionárias” desenhadas na perfeição do seu espírito. Robespierre, o Ambicioso, na busca do Poder jamais deixou de exhibir um incessante desprezo pelo Poder. Robespierre, o Pacifista, o mesmo que não hesitou na apologia e no governo da Guerra. Robespierre, o Enigmático, aquele que no esforço violento do debate, em plena Revolução, não evitava que o seu espírito vagueasse pelo veredicto da História. Robespierre, o Pessimista, o homem que se aventura na turbulência da Revolução desejando o Triunfo, mas que ao mesmo tempo se deixa seduzir pela cântico final que se recolhe nos “abismos da pureza”. Robespierre, o Visionário, a presciência como benção e maldição de um homem.



Ruth Scurr
Fatal Purity
Robespierre and the French Revolution
Nova lorque,
Metropolitan Books

Ruth Scurr não pretende encenar um tribunal da História. A imagem imparcial e benevolente de Robespierre é o que verdadeiramente parece motivar a Autora. No entanto, a tranquila e tremenda cadência da personalidade de Robespierre domina a cada momento. A imagem do Educador Messiânico cobre na perfeição o rigor da personagem. Na visão de Robespierre, a Revolução era uma imensa escola, uma escola à escala de toda a sociedade e cujo propósito seria o de estabelecer a virtude. A Revolução haveria de garantir o conhecimento e o progresso, mas o conhecimento e o progresso acompanhados pela “moralidade ideal”. No entanto, o conhecimento, o progresso e a “moralidade ideal” exigiam a férrea disciplina da razão. Nas palavras de Robespierre, o Terror e a Virtude seriam os instrumentos da promessa, o corte que haveria de cumprir a esperança da Revolução – “*Virtue without which Terror is harmful and Terror without which Virtue is impotent*”. Enquanto “Missionário da Virtude”, Robespierre era a Revolução.

Em *Fatal Purity*, Ruth Scurr relata um pormenor que define a dimensão de Robespierre enquanto Homem Político. Corria o ano de 1791 e Robespierre regressava a Arras, cidade onde nasceu. A Revolução tinha transformado uma pequena cidade na planície de França. Observando a realidade do “país profundo”, Robespierre escreve a um amigo em Paris:

“Nearly all the orators in the National Assembly were on the left over the question of priests; they spoke rhetorically about tolerance and the liberty of sects; they saw nothing but a question of philosophy and religion in what is really a question of revolution and politics; they did not see that every time an aristocratic priest makes a convert he makes a new enemy of the Revolution; since those ignorant people he leads astray are incapable of distinguishing religious from national interest, and in appearing to defend religious opinions, the priests actually preach despotism and counter-revolution ... I realise now that in Paris we very poorly understand the public spirit and the power of the priests. I am convinced that they alone would be enough to bring back despotism, and the court need do no more than leave it to them, confident of soon reaping the benefit of their schemes...”

Como muito bem sublinha a autora, a visão de Robespierre não diverge significativamente da perspectiva de Edmund Burke. Observador distante da Revolução,

Edmund Burke acreditava que a resistência à Revolução poderia ser efectiva em cada comunidade através da acção do clero. Peculiar ironia em que o pesadelo de Robespierre coincide com a esperança de Burke.

Fatal Purity é uma biografia equilibrada. A biografia equilibrada de um homem complexo em tempos conturbados. Robespierre, a figura felina em casaca verde, azul ou rosa. Robespierre, o orador de olhos verdes, rápidos, inquietos por detrás dos óculos escuros. Robespierre morreu na guilhotina na manhã do décimo dia do Thermidor (28 de Julho de 1794). No inventário da biblioteca de Robespierre, o Contrato Social de Jean-Jacques Rousseau não consta entre os livros de uma vida. Nunca uma ausência terá sido tão notada. Longe da Revolução, o espírito de Rousseau permanece entre nós.

* DOCENTE DA FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DOUTORANDO DO INSTITUTO DE ESTUDOS POLÍTICOS DA UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA. CRONISTA DO DIÁRIO ECONÓMICO

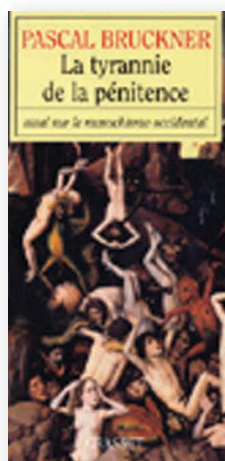
POR NUNO WAHNON MARTINS *

Estado de Alma

Ensaio sobre a Europa onde vivemos

Pascal Bruckner é, na senda de Raymond Aron, um intelectual comprometido. Tendo sido um dos *nouveaux philosophes*, o autor é hoje um reconhecido liberal, no sentido europeu, tendo como principal linha de acção o combate ao terrorismo islâmico.

O tópico central da sua última obra é a crítica ao estado de alma da maioria dos europeus e, em especial, dos franceses. Aquilo a que o autor chama de masoquismo ocidental é a existência de um sentimento de culpabilidade do qual uma elite intelectual e política europeia sofre e que faz com que todo o mal do mundo seja, para aqueles, uma consequência directa ou indirecta da primazia do Ocidente. Daí que os europeus acabem por tomar partido pelos vencidos, rebeldes e oprimidos, tornando-se os seus mais ferozes aliados. Quem não está com as vítimas, está contra elas. Passando a existir o temor da denominação de reaccionário. Como se quem estivesse contra o comunismo fosse obrigatoriamente fascista.



Pascal Bruckner
La Tyrannie de la pénitence
Paris, Grasset
2006 | 260 pp.

Este sentimento de culpabilidade, que Bruckner bem relata, não é mais do que uma troca de fundamentações ideológicas. O comunismo é trocado pelo alter-mundialismo, a luta de classes pela luta anti-globalização e o proletário passa a ser o muçulmano oprimido. Não importa que as ilusões socialistas se tenham perdido no tempo, importa sim encontrar alternativa a essas mesmas ilusões. Daí que a defesa de personagens sinistras, como Chavez, Ahmadeninejad, ou os pseudo guerrilheiros do Hezbollah ou da “Resistência Iraquiana”, sejam aceites e defendidos, pois acabam por representar a “resistência” ao inimigo comum.

Por outro lado, Bruckner constata o paralelismo entre o sofrimento dos autores românticos e a actual alergia à dor. A aquisição do título de pária é facilmente aceite por muitos, sem que na verdade o mereçam. Como afirmou Tarik Ramadan: “Os muçulmanos são os novos Judeus dos anos 30”. Estes novos resistentes cultivam um dever da memória intransigente sobre os dramas do passado: os refugiados palestinos, as vítimas da colonização, os índios da América do Norte. Mas por outro lado revelam uma miopia sobre os males do presente: Cambodja, Darfour, Chechénia, Coreia do Norte, Cuba, escravatura